

## *Michel Foucault e sua viagem greco-latina*

*Pedro de Souza\**

### RESUMO

Neste artigo, proponho-me a analisar o jeito como Michel Foucault opera seu trabalho historiográfico em suas aulas e conferências. Devo, no entanto, me ocupar apenas de alguns fragmentos das várias aulas do curso *A hermenêutica do sujeito*, levantando os atos pontuais de enunciação em que o filósofo transmite para seus ouvintes uma certa ambiência filosófica greco-latina. A questão central deste trabalho diz respeito ao modo de Michel Foucault relatar a história da filosofia antiga a partir de procedimentos de enunciação que temporalizam no presente o período histórico de que trata seus proferimentos. Devo por atenção não tanto ao conteúdo temático, mas à maneira de dizer com que Foucault envolve discursivamente sua audiência na paisagem greco-latina que toma como ponto de referencia do tempo presente em que ele se situa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Historiografia; Ambiência; Enunciação; Temporalidade; Filosofia greco-latino.

### ABSTRACT

In this essay, I propose to analyze the way in which Michel Foucault operates his historiographical work in his classes and conferences. I must, however, only deal with some fragments of the various classes of the course *The Hermeneutics of the Subject*, raising some specific acts of enunciation in which the philosopher transmits to his listeners a certain greco-latin philosophical ambience. The central question of this work concerns Michel Foucault's way of relating the history of ancient philosophy based on enunciation procedures that temporalize the historical period in which his utterances are concerned in the present. I pay attention not so much to the thematic content, but to the way in which Foucault discursively involves his audience in the Greco-Latin landscape that he takes as a point of reference for the present time in which he is located.

**KEYWORDS:** Historiography; Ambience; Enunciation; Temporality; Greco-Latin philosophy.

---

\* Professor Colaborador da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; Pesquisador Visitante Emérito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; CNPq/ FAPERJ, pedesou@gmail.com

Agradeço aos amigos Aldo Ambrózio e Gleiton Matheus Bonfante pela paciente, atenta e generosa discussão sobre meu texto enquanto eu o escrevia.

## Introdução

Discorrer sobre o problema da periodização histórica da filosofia clássica nos remete de imediato ao modo como a tradição filosófica greco-latina é enunciada nos trabalhos de Michel Foucault. Acontece que mais que um simples retorno aos antigos para identificar pontos de ligações entre uma e outra época, Foucault procede de maneira intempestiva, não importando se quem falou veio antes ou depois, mesmo que estes filósofos e seus dizeres estejam mutuamente situados em momentos muito distantes um do outro. Afinal o que teria dito Platão sobre o que as técnicas de si teriam a ver com o que disse, por exemplo, Sêneca, Epitecto ou Marco Aurélio, muito tempo depois?

Jacques Rancière (1994) apresenta uma possibilidade para responder a esta questão. Afinal, no modo de ver deste autor, na escrita da história é preciso compor um cenário como quem compõe uma paisagem arquetônica. Nesta aparecem ocorrências atribuíveis a dados sujeitos. Tudo se passa por um roteiro de fatos e sujeitos correspondentes ao período histórico em questão. No caso da cultura de si, penso que Michel Foucault, em vez da realeza e das classes dos súditos, escolheu os filósofos e seus discursos ligados a seus respectivos pensamentos.

Vislumbro, neste ponto, conforme observou Susan C. Jarratt (2014), o destrichamento das categorias da prática da história que Michel Foucault (1998) menciona. em seu ensaio “Nietzsche, a genealogia e a história”. Foucault retira das *Considerações Extemporâneas* de Nietzsche

três categorias de prática histórica: a monumental, a antiquária e a crítica. Isto ele o faz para salientar o ponto de vista crítico nietzscheano:

As Considerações discutiram o uso crítico da história: seu tratamento justo do passado, seu corte decisivo das raízes, a sua rejeição das atitudes tradicionais de reverência, a sua libertação do homem apresentando-lhe outras origens além daquelas em que ele prefere ver a si mesmo (Foucault, 1979, p. 37)

Não obstante, na leitura de Susan C. Jarratt, Michel Foucault elabora, em seus últimos trabalhos, de outro modo sua história crítica. Jarratt questiona se de fato, a seguir, o artigo “Nietzsche, a genealogia e a história”, o filósofo francês estaria de fato, nos trabalhos que se sucederam a este ensaio, praticando a “história crítica” ao modo nietzscheano? O ensaio de Jarratt segue a linha de considerar a prática historiográfica foucaultiana nos anos 1970 e contrapô-la ao rumo surpreendente que tomou seus estudos desde a publicação de *História da Sexualidade* em 1976 e o ponto de inflexão na prática da historiografia observada na década de 1980. Sobre o que se passou na atividade intelectual de Foucault, neste espaço de tempo, vale destacar a oportuna observação de Jarratt:

Durante esse tempo, entretanto, Foucault continuou a lecionar no Collège de France todos os invernos. A recente reconstrução dessas palestras com base em gravações e notas revela quão abrangente o local histórico de investigação de Foucault mudou das instituições e disciplinas europeias do século XVII ao século XIX para os escritos da Grécia e Roma antigas. Na verdade, estes últimos trabalhos – Volumes 2 e 3º do História da sexualidade, aulas publicadas como *Hermenêutica do Sujeito*, *Governo de si e dos outros* e *A coragem da Verdade*, bem como uma sequência de palestras proferidas em Berkeley no outono de

1983, publicado como *Fearless Speech* - demonstram uma profunda imersão em textos antigos ( Jarrat, 2014, p. 222, tradução minha)<sup>1</sup>.

Não posso aqui me deter nas muito pertinentes considerações desta autora em torno da alteração foucaultiana da prática historiográfica no período a que se refere. Mas, à guisa de contraargumento, me sirvo delas para focalizar a dimensão do procedimento linguageiro que marca este modo outro de Foucault praticar a história crítica da verdade. Refiro-me ao olhar lançado para a escrita e a fala do pensador francês pela qual faz ver os documentos de que se serve em suas aulas e conferências. Há aí estratégias enunciativas importantes através das quais, a seu modo, Foucault põe em cena a história da verdade que tenciona fazer aparecer enquanto fala de processos de subjetivação e cultura de si na travessia entre helenismo e cristianismo.

A propósito disso, Jarrat alerta acerca do interesse que os especialistas, não só no pensamento foucaultiano, mas em história da retórica nos Estados Unidos demonstram pelas traduções para o inglês das aulas e cursos desenvolvidos por Michel Foucault no Collège de France. Recorrer à performance oral do pensador foucaultiano em termos de estratégias de

---

<sup>1</sup> During that interim, Foucault continued lecturing at the Collège de France every winter. The recent reconstruction of these lectures based on tape-recordings and notes reveals how comprehensively Foucault's historical site of inquiry shifted from the European institutions and disciplines of the seventeenth through the nineteenth centuries to writings from ancient Greece and Rome. In fact, these late works—Volumes 2 and 3 of HS, lectures published as *Hermeneutics of the Subject*, *Government of Self and Others*, and *Courage of Truth*, as well as a sequence of lectures delivered at Berkeley in the fall of 1983, published as *Fearless Speech*—demonstrate a deep emersion in ancient texts. (Jarrat, 2014, p.222)

enunciação é o ponto de vista que adoto aqui para aludir à ambiência cênica filosófica do período greco-latino em Michel Foucault.

Como devo expor mais adiante, no que diz respeito à história do cuidado e da cultura de si desde a antiguidade grega até o período greco-romano, trata-se de marcar transições históricas no modo de compreender processos diferentes de subjetivação. Certamente, isso é o a que Foucault aludiu, na sua primeira aula do curso *A coragem da verdade* (1984), como “trip greco-latina”, a saber, certa incursão pelos filósofos gregos e latinos<sup>2</sup>.

[...] les cours que je voudrais faire sont sans doute un petit peu décousu parce que il s’agit d’un certain nombre des choses que je voudrais en quelque sorte terminer pour revenir, après ce trip greco-latin que a duré plusieurs années, un certain nombre de problèmes contemporains que je traiterai ..... *A coragem da verdade* (1982-83, p. 3).

No ponto em que retorna ao seu próprio ato de enunciação, Michel Foucault põe acento sobre sua maneira de se situar com relação ao presente de seus atos discursivos balizados em marcos históricos. Isto quer dizer que, embora, retrospectivamente, seu ponto de referência temporal seja o período greco-latino, este é marcado como local de passagem remetido ao movimento do pensamento a vir enquanto tece, em séries sucessivas de atos de fala, seu jeito crítico de contar a história da cultura de si. Para o filósofo, é importante trazer a tona não o que aconteceu, mas a maneira com que a conversão a si gradativamente torna-se fundamental para a cultura romana.

---

2 [ .. ]. As aulas que gostaria de dar serão sem dúvida um pouco desconexas porque se trata de algumas coisas que eu gostaria, de certo modo de terminar para, depois desta trip greco-latina que durou vários anos voltar a alguns problemas contemporâneos que tratarei ...

Pretendo assim desenvolver uma reflexão atentando à maneira com que Michel Foucault, por sua conta e risco, procede a marcos temporais nem sempre compreendidos pelos historiadores. O próprio pensador francês adverte acerca de como emprega a palavra “momento” de modo não coincidente com outros discursos historiográficos:

Je disais tout à l’heure qu’il me semble qu’il y a eu un certain moment (quand je dis « moment », il ne s’agit absolument pas de situer ça à une date et de le localiser, ou de l’individualiser autour d’une personne et d’une seule) [où] le lien a été rompu... (Foucault, 2003, p. 27)<sup>3</sup>

Proponho que, nesta maneira de se deter sobre a palavra momento, Foucault insinua que a toma na distancia entre seu dizer e outro dizer no âmbito da escrita tradicional da história. Acrescente-se sobre a mesma dobra metaenunciativa<sup>4</sup> a indicação da relação contrastiva entre o seu e outro discurso quanto á referencia temporal. Dizer momento não significa tampouco “ l’individualiser autour d’une personne et d’une seule”. A isso quero me refrir mais adiante sobre o elenco de atores e personagens que Foucault faz desfilhar na paisagem greco-latina montado conforme os seus intentos.

O caso, para este filósofo, não é o de referir à história tal como se segue a passagem dos dias no calendário - “pas de situer ça à une date et de le localiser”. Trata-se antes de tomar acontecimentos pelo que traz de marca na temporalidade sustentada pelo presente no interior do qual

---

3 Dizia eu há pouco que me parece ter havido um certo momento (quando digo “momento”, não se trata, de modo algum, de situar isto em uma data e localizá-lo, nem de individualizá-lo em torno de uma pessoa e somente uma) [em que] o vínculo foi rompido (Foucault, 2006, p. 35)

4 Para o conceito de metaenunciação cf, AUTHIER-REVUZ, J. 1998, p. 13-28.

o filósofo situa seu dizer. Nessa perspectiva, o alerta de Susan C. Jarratt (2014), acima referido, é, de modo indireto, o eixo e o condutor da análise que desenvolvo a seguir, visando a propor elementos para abordar a viagem de Michel Foucault pela cultura greco-latina em termos de discurso e de enunciação

Nessa direção, proponho aqui uma análise pautada nas operações enunciativas de proferimento do discurso filosófico marcado pelas referências temporais que situam em Michel Foucault o sujeito de seu discurso. Tais referências temporais serão por mim analisadas com base na maneira com que Foucault situa pensadores muito distantes no tempo. Refiro-me à menção de nomes próprios de pensadores com sua respectiva localização temporal e espacial. Faço deste proceder o objeto de análise da maneira de Foucault criar a paisagem histórica como pano de fundo da questão que desenvolve. Considero, por exemplo, relativamente ao tema da história do cuidado de si, o percurso do pensador francês para narrar como o cuidado de si chega ao ápice na cultura helenística e romana. Neste mover, Foucault propõe uma visão outra da subjetividade moderna, enquanto esta se transforma na passagem do ascetismo ao cristianismo. Ele marca neste ponto seu objeto histórico de aplicação: o modelo platônico do cuidado de si confrontado aos modelos helenístico-romano e cristão. O referencial destas distinções e confrontação se encontra no diálogo *Alcebíades*.

Cette lecture de Alcibiade est en quelque sorte l'introduction, un point de repère dans la philosophie classique, après quoi je passerai à la philosophie hellénistique et romaine (période impériale). Donc, simplement un repérage. (Foucault, 2003, p. 63)<sup>5</sup>

---

5 Essa leitura do Alcibiades é, de certo modo, a introdução, um ponto de refe-

Vê-se, nesse trecho da aula de 13 de janeiro de *A hermenêutica do sujeito*, a maneira foucaultiana de mobiizar as leituras dos textos fixando pontos de referencia temporal a partir dos quais se dá a passagem de uma perspectia a outra acerca da temática do cuidado de si. Esta constante marcação de perspectiva temporal nas enunicações de Michel Foucault será o alvo da análise que desenvolvo a seguir.

## 1. Entre a ambiência grega e greco-romana

No curso *A Hermeneutica do sujeito* (daqui em diante HS), podemos dizer que Foucault faz uma parada mais detida na antiguidade greco-latina, fotografando, em suas nuances diferenciais, as linhas que ligam descontinuamente a antiguidade grega, o helenismo e o cristianismo. Desta maneira é que seu gesto de enunicação funciona tal como o olho de uma câmera projetando paisagens que se movimentam, em sequenciais temporais esquadrihadas cada uma no plano de sua própria duração. O que assim o filósofo expõe, na superfície oral de sua enunicação, é justamente a cena filosófica, perfazendo o que se vê e se escuta desde a antiguidade greco-romana. Exemplo disso se observa na aula de 3 de março de 1982, do curso HS quando Michel Foucault retoma o que falara na aula anterior a respeito do tema geral da conversão de si. Para explicitar o traço distin-

---

rência na filosofia clássica, após o qual passarei à filosofia helenística e romana (período imperial). Portanto, simplesmente uma referência. Gostaria agora de terminar a leitura do texto e depois pontuar alguns dos problemas, dos traços específicos deste texto, além de outros que, ao contrário, reencontraremos mais tarde, permitindo colocar a questão do cuidado de si na sua dimensão histórica. (Foucault, *Hermeneutica do sujeito*, 2006, p.84)



tivo do termo *askesis* para os gregos da época helenística e romana, ele afirma:

(...) “il me semble que cette askêsis, telle que l’entendaient les Grecs de l’époque hellénistique et romaine, est très éloignée de ce que nous entendons traditionnellement par « ascèse », dans la mesure même, d’ailleurs, où notre notion d’ascèse est plus ou moins modelée et imprégnée de la conception chrétienne. Il me semble - encore une fois, c’est simplement une charpente que je vous donne là, une toute première esquisse - que l’ascèse des philosophes païens ou, si vous voulez, cette ascèse de la pratique de soi à l’époque hellénistique et romaine, se distingue très clairement, très nettement de l’ascèse chrétienne sur un certain nombre de points “ (Foucault L’herméneutique *du sujet*, Cours du 3 mars 1982, première heure, p. 315).<sup>6</sup>

Já sabemos hoje, após vários estudos, o que Foucault legou a propósito da passagem do ascetismo pagão para o ascetismo cristão, e o que vai desenvolver sobre essa distância histórica conceitual nesta e nas aulas seguintes do mesmo curso. Aqui, porém, atento para a modalidade discursiva com que o filósofo situa inclusivamente a si e a seus ouvintes na distância conceitual entre as palavras “askêsis” no pensamento grego da época helenística e romana e « ascèse » no entendimento contemporâneo. No modo com que são enunciadas estas palavras, se observa que *askesis* faz jogo não com a outra palavra da língua francesa, *ascèse*, mas com cada uma tomada a partir de outros discursos. Quando Michel Foucault

---

<sup>6</sup> ...me parece que está muito/distante daquilo que entendemos tradicionalmente por “ascese”, na medida em que nossa noção de ascese é, aliás, mais ou menos modelada e impregnada pela concepção cristã. Parece-me que - repito, trata-se somente de um esquema, um primeiro esboço que lhes ofereço - a ascese dos filósofos pagãos ou, se quisermos, esta ascese da prática de si na época helenística e romana, distingue-se muito límpida e claramente da ascese cristã em certos pontos (FOUCAULT, 1984, p. 399-400).

diz *askesis* enuncia como se fizesse sua voz ecoar sob outra atmosfera discursiva. Em outros termos, assim age deixando a audiência se afetar da musicalidade de outra voz. Isto leva a, imaginariamente, como que em linguagem teatral, encenar o cortejo do coro grego cantando, no tom melódico da discorvidade helenística e romana.

A melhor dizer, Foucault, mediante a evocação e proferimento da palavra “askésis” em sua diferença com a palavra “ascése”, coloca em cena uma certa época greco-latina. Pode-se escutar na cadeia de sua fala o sujeito da enunciação pondo-se no limiar de seu dizer, para subreticiamente, advertir que está praticando o uso de palavras alheias para fazê-las ressoar outro tempo no interior do que agora se acha. Por isso mesmo, esta periodicidade greco-latina em que se assenta o problema de que está tratando nunca se fixa por ela mesma, sim em seus elementos de transição. Esta diz respeito ao processo de deslocamento da filosofia ascética helenística e romana para o ascetismo cristão de que Foucault vai tratar em seguida a propósito das práticas e técnicas de si.

À guisa de reforço do aconecimento enunciativo manifesto na voz de Michel Foucault, temporalizando o estrato histórico de que fala, destaco ainda o que faz o filósofo ao empregar a primeira pessoa do singular e do plural: “il me semble”, “nous entendons”, “notre notion d’ascèse”. Esses usos não só operam proximidade pessoal e espacial entre ele e seus ouvintes, mas também embream<sup>7</sup> sua enunciação no presente como con-

---

<sup>7</sup> *Embreamdo* é o termo cunhado em Teoria da enunciação, para definir o plano do ato de de fala ligado à situação atual de enunciação. Contrariamente, o plano *desembreamdo* corresponde ao modo de enunciar sem ligação com o momento da enunciação. A base conceitual destas duas modalidades de enunciação está num

dutor crucial em que suas referências temporais vão dos gregos aos romanos. Dessa forma, Foucault faz com que seus ouvintes experimentem o percurso que vai do período greco-latino ao instante que engloba o aqui e agora de suas séries de enunciação, nesta e nas outras aulas a vir no curso HS. Tais operações, abordadas na ordem do ato e da maneira de dizer, indicam a forma histórica do período greco-latino que Michel Foucault quer tomar como referencial do tema geral da conversão a si.

Sobre o ato de presentificar, no momento da enunciação, o período histórico movendo-se até tornar-se outro, vale atentar para o uso do demonstrativo como aparece neste enunciado: “cette ascèse de la pratique de soi à l’époque hellénistique et romaine, se distingue très clairement, très nettement de l’ascèse chrétienne”. Pelas expressões referenciais “cette ascèse” e “l’ascèse chrétienne”, a primeira introduzida pelo pronome demonstrativo ‘cette’ e a segunda pelo artigo definido ‘l’, Foucault opera

---

dos artigos de Emile Benveniste (1976). Para ser mais direto e claro e não fugir ao escopo deste artigo, recorro à explicação esclarecedora de Jose Luiz Fiorin (2017, p. 972)

Para Benveniste (1976, p. 262), há dois modos básicos de enunciação: o discurso e a história. O primeiro faz-se, em francês, com a primeira pessoa, os verbos relacionados ao presente (presente, passado composto e futuro) e os marcadores espaciais definidos em função do aqui (1976, p. 268); o segundo, com a terceira pessoa, com os tempos não diretamente vinculados ao agora da enunciação (passado simples, futuro do pretérito e mais-que-perfeito) e os marcadores de espaço não determinados em relação ao aqui (1976, p. 262). O imperfeito é comum aos dois planos (1976, p. 268).

Nesses termos, me detenho nos usos dos elementos linguísticos de sua língua que permitem expor os modos enunciativos de Michel Foucault colocar o acontecimento histórico no tempo. Este é o efeito, não do que se passa objetivamente na história, mas maneira que acontecimentaliza o período tomado como ponto de referência.

discursivamente a distância temporal que separa duas cenas. Uma é introduzida pelo demonstrativo “cette ascèse”, situando subjetivamente o ouvinte no espaço atual do entendimento do que significa o termo *askésis*; já a outra, introduzida pelo artigo definido ‘l’a ascese’ localiza objetivamente a paisagem greco-latina na qual desponta o que se define por ascese cristã.

O aspecto enunciativamente subjetivo e objetivo da localização concerne ao modo de Michel Foucault colocar em movimento o período greco-latino abordado. No aspecto subjetivo a localização se dá a partir do sujeito que fala; no aspecto objetivo a localização acontece a partir do que é descrito fora do espaço do sujeito. Mas analiticamente estas operações só têm validade, em sua espessura discursiva, quando ao designar processos temporais, marcam a presença do falante numa relação que coincide com o tempo em que dura uma emissão frasal de qualquer extensão.

Sigo, neste ponto, os fundamentos da Teoria da enunciação proposta por Emile Benveniste, linguista de quem Foucault foi leitor atento<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Conferir, a respeito da presença de Emile Benveniste em Michel Foucault, nota 2 ao segundo capítulo da edição do ensaio *Le discours philosophique* (Foucault, 2023):

L’autre grande figure qui aide à saisir la manière dont Foucault, dans ce manuscrit, infléchit la philosophie comme discours à l’aide de la linguistique est celle de Benveniste (...) Ses travaux sur la théorie de l’énonciation et la deixis, portant notamment sur la nature des pronoms et sur les temps verbaux, avaient été rassemblés avec d’autres importantes contributions (...) Benveniste allait formuler de la manière la plus claire et aboutie sa théorie de l’énonciation quelques années plus tard, dans l’article «L’appareil formel de l’énonciation» (...), où il manifeste l’exigence d’aller au-delà de l’«usage cognitif de la langue» et de distinguer «les entités qui ont dans la langue leur statut plein et permanent et celles qui, émanant de l’énonciation, n’existent que dans le réseau d’“individus” que l’énonciation crée et par rapport à l’“ici-maintenant” du locuteur» (ibid., p. 84).

Benveniste afirma que certos indicadores linguísticos funcionam, no ato de dizer, como balizas, na superfície do enunciado, produzindo efeito de presença e constituindo o sujeito da enunciação através de indícios linguísticos de localização de lugares e de tempo. Esta é a função enunciativa dos pronomes demonstrativos. Eles manifestam seu potencial discursivo de fazer vir, mediante seu proferimento, o tempo, o espaço em que há um sujeito produzindo a si e a seu referente enquanto fala. Diz Benveniste:

Não adianta nada definir esses termos e os demonstrativos em geral pela dêixis, como se costuma fazer se não se acrescenta que a dêixis é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter cada vez nico e particular que é a unidade de instância de discurso à qual se refere. O essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a presente instância de discurso. (BENVENISTE, 2006, p. 280)

Desta forma, Foucault, ao empregar certos precisos elementos linguísticos da língua francesa com valor de deixis, recorta períodos históricos em cenas distintas segundo o tempo e o espaço em que coloca a si como narrador e aos outros como seus destinatários. Exemplo disso é o processo de fabricação do tempo que o filósofo pode realizar pelo emprego de índices de tempo como em “.. Saisir *le moment où un phénomène*

---

Outra grande figura que ajuda a compreender o modo como Foucault, neste manuscrito, concebe a filosofia como discurso com a ajuda da linguística é a de Benveniste (...) Seu trabalho sobre a teoria da enunciação e a dêixis, particularmente sobre a natureza dos pronomes e dos tempos verbais, foram juntadas a outras contribuições importantes (...) Benveniste formularia sua teoria da enunciação alguns anos depois, no artigo “O aparelho formal da enunciação” (...), onde demonstra a necessidade de ir além do “uso cognitivo da linguagem” e de distinguir “entidades que têm o seu estatuto pleno e permanente na linguagem e células que, emanadas da enunciação, existem apenas na rede de” indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui-agora” “do locutor” (tradução livre minha).

culturel, d'une ampleur déterminée, peut en effet constituer, *dans l'histoire de la pensée, un moment décisif où se trouve engagé jusqu'à notre mode d'être de sujet moderne* ". Tais expressões coincidem com o tempo narrado, não com o instante do ato de narrar ou do presente preciso da enunciação. De todo modo, não se pode dizer. que que estas expressões adverbiais de tempo surge espontaneamente na boca de Foucault, pois que esta é a apropriação de que precisa para envolver sua audiência na transição do tempo que descreve para o tempo da história em questão.

Tem-se aqui o artifício enunciativo pelo qual o pensador frances textualiza sua fala colocando sua audiência em um lugar entremeio ao período histórico em que foi concebido o termo *áskesis* no tempo dos gregos da época helenística e romana e no tempo do cristianismo. O procedimento só acontece pelo próprio gesto enunciativo movido pelo filósofo em relação performativa com sua língua, já que permanece atento ao que fazer com as palavras de que se apropria.

Contudo, a propósito especificamente da localização espacial, é preciso alertar para o fato de Foucault atuar na cena de seu exercício filosófico tal como se dirigisse uma peça teatral. Neste ponto é oportuno recorrer às considerações de Jarrat (2014), que lembra a intenção de Foucault de sempre trabalhar os jogos de verdade, mediante a explicitação de cenas do dizer verdadeiro. A autora tem razão quando diz que, ao evocar tais cenas, o próprio Foucault implica a si e seus leitores no interior desse mesmo espaço cênico.

Jarrat não deixa, porém, de salientar uma objeção a esta estratégia discursiva de Michel Foucault. Para ela, o problema de Foucault consiste

em afastar-se da postura crítica nietzscheana que tanto valorizou como operação genealógica. Jarrat pontua os momentos em que Foucault ambienta com evidente admiração o período greco-latino através dos discursos de seus principais filósofos:

Somos convidados a apreciar os discursos de Sêneca, Plutarco e Marco Aurélio como exemplares dos discursos do “cuidado de si”, enquanto suas biografias e os valores que suas práticas de vida endossam não estão sujeitos a avaliação ou julgamento dentro do quadro de análise de Foucault. (Jarrat. 2014, p. 225)<sup>9</sup>

É certo - e disto Jarrat se dá conta - que, na maneira foucaultiana de dizer a história, não estão em foco as figuras históricas de espaço, tempo e pessoa em sua realidade empírica, nem em seu status conforme uma análise filosófica mais convencional. Por isto mesmo, numa análise como a que proponho, a remissão a dado período na história, ao estilo foucaultiano de linguagem, exige atenção às indicações linguísticas mais precisas pelas quais Foucault cuida, ele mesmo, de se situar em relação ao discurso que profere. Disto é parte constitutiva o manejo das palavras em um processo enunciativo que converte em discurso e torna presente o tempo a que se alude na situação em que fala o pensador francês

Há que se notar a precisa lucidez que o filósofo tem de sua necessidade de manejar o tempo de sua fala: “(...) malgré mes bonnes résolutions et un emploi du temps bien quadrillé, je n’ai pas tout à fait tenu dans l’heure comme je l’avais espéré” (Foucault, HS, aula de 6 de janeiro,

---

<sup>9</sup> We are invited to appreciate the discourses of Seneca, Plutarch, and Marcus Aurelius as exemplary of the discourses of the “care of the self,” while their biographies and the values their life practices endorsed are not subject to evaluation or judgment within Foucault’s frame of analysis.

2003, p.27)<sup>10</sup>. Este emprego bem enquadrado do tempo corresponde ao presente de sua enunciação como eixo axial onde fixa - apropriando-se das expressões linguísticas adequadas - seu marco temporal, a fim de partindo do agora, viajar filosoficamente pela Roma Antiga, transitando pelo antes e pelo depois dos tempos narrados. Trata-se da retrospectiva de um tempo que não cessou de acontecer, mas cujo modo de passar, diferente de uma perspectiva tradicional da história, atua como meio através do qual determina modos de transição no presente. Isto a ver com a suposição foucaultiana de que, na história do pensamento o desafio consiste em apreender o momento em que o fenômeno da cultura de si torna-se decisivo que compromete “até mesmo nosso modo de ser de sujeito moderno”. (Foucault, 2006, p. 13) Ressalto aqui a expressão apreender o momento (*saisir le moment*) que pressupõe a remissão ao tempo sempre abordado em movimento de transição.

Acerca do manejo linguístico do tempo, adoto aqui o mesmo esquema analítico fornecido por Brés e Gardes-Maray (1997) e sugiro que, no ato de enunciação, a abordagem temporal que aplico à performance enunciativa de Foucault, se processa em três instâncias: o “*tempo a dizer*”, o “*tempo do dizer*” e o “*tempo do dito*”. O *tempo do dizer* concerne ao proferimento do filósofo audível no momento em que profere sua aula. É o instante de o filósofo colocar aqueles que o escutam na atmosfera em que as práticas de si delineiam a justa ancoragem entre o *tempo do dizer* - este em que inicia sua aula - e o *tempo a dizer* - aquele em que logo mais dará

10 Apesar de minhas boas resoluções e de um emprego bem enquadrado do tempo, não me ative inteiramente ao horário, conforme pretendia. (Foucault, HS, p.35)



sequencia a respeito dos tres pontos que caracterizam a ascese filosófica. Deste modo é que transitoriamente a época greco-latina vai aparecendo na linha do tempo histórico que se sobrepõe entre o *tempo do dizer* (as palavras articuladas na duração do ato de emitir) e o *tempo a dizer* (as palavras a vir nas séries seguintes da cadeia enunciativa atravessada pelo discurso que tece a temática da conversão a si). São atos performativos<sup>11</sup> de fala que, ao invés de pressupor uma época, a constitui no discurso efetivamente em vias de ser proferido.

Posto que se trata de detectar em Michel Foucault sua maneira de presentificar o contexto histórico de que fala, minha atenção recai sobre a época greco-latina dentro da qual o filósofo passeia sobrevoando o presente situado entre o *tempo do dito* e o *tempo a dizer*. Daí seu alerta - “Quand je dis «*je crois que ça été définitivement rompu* », inutile de vous dire que *je n'en crois pas un mot (...)*” (Foucault, 2003, p. 27)<sup>12</sup>. Tem-se aí, nos tempos verbais flexionados no presente, um enunciado que aparece, apontando para o sujeito em seu próprio ato de enunciar que acontece coincidindo com o aqui e agora de sua enunciação. Em outros termos, nesta sequencia frasal, o filósofo faz incidir o processo histórico da filosofia ascética contra a ascese cristã, cuja confluência reside no *tempo a dizer* da prática de si na contemporaneidade, conforme Foucault vai elucidar depois quando ressaltar o cristianismo como o ponto de referência da subjetividade moderna. Eis portanto o que se delineia como categoria enunciativa do tempo

---

11 Cf. John Austin (1990), *quando dizer é fazer*; uma das referencias de Michel Foucault. no campo da filosofia analitica de Oxford.

12 Quando digo “creio que isto foi definitivamente rompido”, inútil afinnar-lhes que não acredito em nada disto (Foucault, 2006, p. 35)

a dizer que Michel Foucault constrói, na série de enunciações que desenhavam o percurso de suas aulas em *HS*. Ele procede como o sujeito de um discurso filosófico, apropriando-se das estratégias linguísticas disponíveis em sua língua a fim de traçar a linha do tempo que, mediante deslocamentos, reativações, reorganização, vai do pensamento platônico até o auge da cultura de si na época helenística e romana<sup>13</sup>. Sempre pondo atenção à sua dificuldade de controle do tempo, Foucault tece os interstícios entre épocas da seguinte maneira:

Cette année, et encore une fois sous réserve de mes imprudences chronologiques et de mon incapacité à tenir un emploi du temps, j'essaierai d'isoler trois moments qui me paraissent intéressants: le moment socratoplatonicien, l'apparition de *l'epiméleia heautou* dans la réflexion philosophique; deuxièmement, la période de l'âge d'or de la culture de soi, de la culture de soi-même, du souci de soi-même, que l'on peut placer aux deux premiers siècles de notre ère; et puis le passage au iv<sup>e</sup>-v<sup>e</sup> siècle, passage, en gros, de l'ascèse philosophique païenne à l'ascétisme chrétien (Foucault, 2003, p.32)<sup>14</sup>

Vê-se, neste trecho da aula de 6 de janeiro de 1984, do *HS*, uma espécie de constante objeção foucaultiana em focalizar o tempo. Mas nunca fixando num ponto, sim na transição de um ponto a outro na linha temporal. Assim é que é de longa duração a passagem do ascetismo pagão à ascese cristã.

13 Cf. Foucault, 2006, p 63.

14 Neste ano - e repito, ressaltadas minhas imprudências cronológicas e minha incapacidade de cumprir o emprego do tempo -, tentarei isolar três momentos que me parecem interessantes: o momento socrático-platônico, de surgimento da *epiméleia heautou* na reflexão filosófica; em segundo lugar, o período da idade de ouro da cultura de si, da cultura de si mesmo, do cuidado de si mesmo, que pode ser situado nos dois primeiros séculos de nossa era; e depois a passagem aos séculos IV-V; passagem, genericamente, da ascese filosófica pagã para o ascetismo cristão (Foucault, 2006, p. 41)

Sob este aspecto pode-se conceber que o *tempo a dizer* e o *tempo do dito*, tomados estritamente dentro desta etapa inicial de seu curso, correspondem, respectivamente, ao plano temporal do já dito (o da filosofia pagã) e do ainda a dizer (o da ascese cristã). Tudo isso construído no descontínuo cordão histórico desatado pelo pensador francês. É no limiar destas duas instâncias que acontece a luta do dizível contra os múltiplos dizeres acumulados em certo intervalo de tempo. Isto diz respeito ao esboço proposto por Foucault para pensar, na distância temporal, a diferença do que, a partir da emergência do cristianismo, se entende hoje por ascese. Lembro que advérbio hoje recobre toda a extensão do tempo da modernidade, na qual novas transições acontecerão até se instaurar o que Foucault vai nomear o momento cartesiano.

Il me semble que le « moment cartésien », encore une fois avec tout un tas de guillemets, a joué de deux façons. Il a joué de deux façons en requalifiant philosophiquement le gnôthi seauton (connais-toi toi-même) et en disqualifiant au contraire l'epiméleia heautou (souci de soi).(Foucault, 2006, p.15)<sup>15</sup>

Precisamente pontuo, neste jogo enunciativo operado sobre o tempo. o procedimento de linguagem adotado pelo filósofo para colocar seus ouvintes na linha do *tempo a dizer* não da história que ele conta, mas da maneira de tornar presente esta história. Desta forma, digo que o *tempo a dizer* trabalhado por Foucault virá, no final desta aula, quando ele disser que o momento em que o dizer verdadeiro sobre si mesmo inscreveu-se

---

<sup>15</sup> Parece-me que o “momento cartesiano”, mais uma vez com muitas aspas, atuou de duas maneiras, seja requalificando filosoficamente o gnôthi seautón (conhece-te a ti mesmo), seja desqualificando, em contrapartida, a epiméleia heautou (cuidado de si).(Foucault, 2006, p.18)

como obrigatoriedade nas instituições pastorais constituiu “... un moment absolument capital dans histoire de la subjectivité en Occident, ou dans l’histoire des rapports entre sujet et vérité.” (Foucault, 2003, p. 315)<sup>16</sup>. Encontra-se aqui, na estratégia enunciativa que Foucault performatiza o confronto entre *o tempo dito* e *o tempo do dizer*.

## **2. Nomes e personagens: cenário outro da conversão a si.**

A objeção que Isabelle Koch (2014) faz sobre o que ela entende como presença e ausência do neoplatonismo na leitura foucaultiana da filosofia antiga pode ser um importante apoio interpretativo à maneira de Michel Foucault presentificar períodos da história da filosofia como greco-latino. Koch (2014, p. 238) reclama o pouco lugar que Foucault cede ao platonismo em obras escritas e em seus cursos no Collège de France. A autora destaca o curso HS como o único texto onde o filósofo presta alguma atenção aos platonicos. Mas mesmo assim tomando-os como um mero prolongamento filosofia de Platão, quando remete o cuidado de si ao « modelo platônico confrontado aos modelos helenístico-romanos e cristão. Embora reconhecendo que Foucault leva em conta os comentadores neoplatonicos para anotar a distinção entre « politica » e « catartica », na construção dos tres modelos, Koch aponta a ausencia dos neoplatonicos tardios.

Não tenho espaço neste artigo para entrar na questão desta autora. Mas ressalto sua consideração de que a abordagem do neoplatonismo <sup>16</sup> o momento absolutamente fundamental na história da subjetividade no Ocidente, ou na história das relações entre sujeito e verdade.” (Foucault, 2006, p. 20)

de Michel Foucault é sintoma da história da filosofia antiga que ele empreende ao longo de sua obra. Isto dito observo que a maneira foucaultiana de fazer a história ancorada no contexto greco-latino não pode ser considerada operando por exclusão. Trata-se antes do gesto de focalizar, no tempo histórico delimitado pelo filósofo francês, o lugar e o modo como certos fatos, notadamente, o cuidado de si, situado entre helenismo e cristianismo, faz problema.

Em contrapartida a essa pertinente objeção de Isabelle Koch, de acordo com a análise que venho desenvolvendo neste meu artigo, respondo dando realce - mais que a remissão exhaustiva dos personagens da história - ao mecanismo de temporalização que situa os acontecimentos e os nomes próprios a eles vinculados. Atribuo maior proeminência ao modo como Foucault iintempestivamente recorre ao período greco-latino para tratar historicamente do tema do cuidado de si ou da conversão a si. O fato é que para colocar o acontecimento da cultura de si no tempo situado na passagem dos gregos aos helenistas e destes aos cristãos é preciso por em cena os personagens a que se atribui tais feitos no plano da tomada da palavra em seus discursos. Daí que a escolha de Sêneca, Epicteto e Marco Aurelio, por exemplo, não funciona apenas para documentar as regras e práticas de conversão a si, mas sobretudo para projetar a cena da elite romana sendo afetada pelo estoicismo no período pós-clássico.

Assim é que a atmosfera filosófica greco-latina, na maneira de Michel Foucault, escrever história, se faz pela relação entre nomes próprios e seus atos discursivos. Ao recorrer, por exemplo, aos filósofos

neoplatônicos, ele não pretende relatar, em discurso direto ou indireto, o discurso de personagens efetivos. O caso é de, através de operações enunciativas que trabalham a construção do acontecimento no tempo, levar ao ouvinte, sempre circunstanciando no presente da preleção do filósofo, o relato das reverberações ou deslocamentos que os afetam na passagem de um tempo ao outro. Não obstante, o protagonismo cabe apenas a Foucault como narrador. Nesta posição de contador de história, ele monta, em sucessivos atos de fala, um duplo cenário: o da história que ele conta e o do ato de narrar esta mesma história.

Consideremos o momento em que Foucault, na aula de 3 de março de 1982, discorre sobre o problema da relação eficaz do discípulo com o conteúdo filosófico a ele ensinado. Começa por Plutarco para quem o ouvido é o órgão do sentido fundamental para apreender a virtude. A certo ponto, depois de passar por Plutarco, Foucault compara Sêneca a Epicteto. Sêneca alerta sobre a atitude do aluno de filosofia diante do propósito de absorver a virtude. Epicteto propõe, por sua vez, para o mesmo fim, não apenas deter o conteúdo das palavras, mas a maneira de proferi-las. Aí, entretanto, conforme um percurso narrativo que já tem seu ponto de partida e de chegada, vemos Foucault dar proeminência às peripécias filosóficas de Epicteto em função dos outros dois personagens filosóficos citados. É quando diz :

Et c'est là qu'Epictète introduit, je crois, une notion importante, qui va nous amener précisément au thème de l'ascèse de l'écoute. Il dit : Au fond, puisque, lorsqu'on écoute, on a affaire à un logos, que ce logos n'est pas dissociable d'une lexis (d'une manière de dire), qu'il n'est pas dissociable non plus d'un

certain nombre de mots, eh bien, on comprend qu'écouter soit presque aussi difficile que parler. (grifos meus) (Foucault, 2003, p. 322)<sup>17</sup>

As expressões adverbiais ‘c’est là ‘ e “*lorsqu’on écoute*” situam Epicteto, no discurso relatado por Foucault, não só no tempo de suas preleções deste pensador latino no helenismo, mas também no tempo atual da preleção do próprio Michel Foucault. A referência ao texto de Epicteto funciona nos termos em que atualiza na cena da narrativa foucaultiana a importância do tema da ascese da escuta. O emprego das expressões no presente do indicativo coloca no mesmo plano temporal tanto Foucault quanto os seus ouvintes e os nomes personagens relatados em seus discursos. Isto porque se faz necessário que tais índices temporais funcionem no interior de seu próprio ato de enunciação. Assim procedendo, Foucault produz a mesma ambiência para duas temporalidades: a da época greco-latina e a do presente de sua fala.

Esse deslocamento sutil de um plano enunciativo a outro tem a ver com o que cada vez mais Michel Foucault vai se propor a uma filosofia operando sobre a ontologia do presente. Deste modo, ele se torna testemunha ativa da escuta de seus personagens projetando o *tempo do dito* no *tempo do dizer*.

---

17 Epicteto introduz *aqui*, creio, uma importante noção, que nos conduzirá precisamente ao tema da ascese da escuta. Diz ele: no fundo, se quando escutamos temos que nos haver com um lógos, se este lógos não é dissociável de uma léxis (de uma maneira de dizer), se tampouco é dissociável de certo número de palavras, então compreendemos que escutar seja quase tão difícil quanto falar (Foucault, HS, 2006 p. 408)

## Conclusão

Dado a complexidade da analítica que aqui busquei desenvolver, importante ressaltar que tudo concorre na contramão do que se espera convencionalmente relatar o período greco-latino e suas escolas filosóficas tal como teria sido na *história* tradicionalmente reinvidicada pelos historiadores. Nesse sentido, no jeito de Foucault se reportar ao período clássico, como criticam alguns especialistas desta época, quase nada se acha de contextualização, notadamente quando o filósofo cita exemplos de textos produzidos na história da filosofia antiga como apoio à descrição de como os discursos de cuidado de si eram formulados. Sobre este ponto Jarrat (2014), por sua vez, deita uma crítica severa:

Certamente podemos extrapolar a partir dos exemplos de Foucault, e imaginar toda uma gama de exercícios de cuidado de si localizados em uma variedade de esferas culturais; mas a evocação repetida do mundo estreito da elite, de homens excepcionais que se aconselham mutuamente dentro de um círculo estreito de amizade, tem um efeito de qualidade sufocante. Em vez de “um conjunto instável de falhas e fissuras”. (“Nietzsche, Genealogia, História” Sec. 6), encontramos na visão de Foucault do mundo antigo uma estabilidade considerável, com um conjunto de figuras familiares agindo de maneiras socialmente aceitas. Na verdade, o processo é isento de valores: não existe uma estrutura para a crítica de qualquer conjunto particular de valores ou normas adotadas no “cuidado de si”. Prática, ou “autocuidado”, é para ser valorizado por si só, independentemente dos valores incorporados em qualquer prática. (Jarrat, 2014, p. 226, tradução livre minha)<sup>18</sup>

<sup>18</sup> We can certainly extrapolate from Foucault’s examples, imagining a whole range of exercises in the care of the self located in a variety of cultural spheres, but the repeated evocation of the narrow world of elite, exceptional men advising each other within a close circle of friendship has a stifling quality. Rather than “an unstable assemblage of faults and fissures” (“Nietzsche, Genealogy, History”



Sem entrar no âmbito estrito da crítica da autora, em favor, não tanto de Michel Foucault, mas de uma outra perspectiva acerca do mesmo tema (época clássica na pena e boca do filósofo francês), pode-se de aí deduzir que, por certo, trata-se sobretudo da história narrada conforme uma poética enunciativa que marca o tempo, nunca por ele mesmo, sim pelo presente em que se situa destinador e destinatário do discurso. Basta lembrar o quanto Foucault, repetidas vezes, declarou que no que produzia tudo não passava de ficção.

Assim se faz a ambiência greco-latina, no caso da história do cuidado de si contada por Foucault em *HS*. Por este viés, o pensador adota uma postura crítica em que o sujeito pode ser visto constituindo a si mediante uma verticalidade discursiva que atravessa sua prática. Este atravessamento produz, de diferentes maneiras, o sujeito por si em relação à verdade conforme o modo de Foucault imaginariamente fazer passar diante dos olhos e dos ouvidos de sua audiência o cenário em que o sujeito se faz contrastivamente, por exemplo, no ascetismo estoico e no ascetismo cristão. Tudo isto, reitero, deve depender da maneira de o filósofo francês dizer ou temporalizar a época como o referencial da história que narra.

Em síntese, portanto, concluo que o vetor analítico de Michel Foucault não é o tempo empiricamente abordado em seu status. Em vez disso, o filósofo francês emprega certo modo de encenar o período clás-

Sec. 6), we find in Foucault's vision of the ancient world considerable stability with a set of familiar figures acting in socially accepted ways. In fact, the process is value-free: there is no framework for critique of any particular set of values or norms adopted in "care of the self." Practice, or "self care," is to be valued in and of itself, independently of the values embedded in any particular practice. (Jarrat, 2014, p. 226)

sico em vistas do cuidado de si. Vê-se, sob este aspecto, Michel Foucault atuando como guia crítico conduzindo seus leitores e ouvintes em sua viagem greco-latina.

## **Referências Bibliográficas**

AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer - palavras e ação. Coleção: Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre, Editora: Artes Médicas, 1990

AUTHIER-REVUZ, J. "As não coincidências do dizer e sua representação metaenunciativa – estudo linguístico discursivo da modalização autonímica". Trad. Maria Onice Payer. In: AUTHIER-REVUZ, J. Palavras incertas: as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p.13-28.

BARBÉRIS, J-M. (1997) Tempos du langage et production du sens à l'oral. Proceedings of XVIth International Congress of Linguists. CD-Rom/ Editor Bernard Caron.

BENVENISTE, E. Problemas de linguística geral II. São Paulo: Nacional/ EDUSP, 2006.

FIORIN, J. L. "Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas" In Gragoatá, Niterói, v.22, n. 44, p. 970-985, set.-dez. 2017

FOUCAULT, M *Microfísica do poder*. organização e tradução de Roberto Macha.do. RiodeJaneiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*, Curso dado no Collège de France (1981-1982), Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail, São Paulo, Ed. Martins Fontes. 2006

FOUCAULT, M. *l'hermeneutique du sujet*, Cours au Collège de France. 1981-1982, Paris, Hautes Études, Gaeimard, Seuil

FOUCAULT, M. "Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M *Le discours philosophique*, Édition établie, sous la responsabilité de François Ewald, par Orazio Irrera et Daniele Lorenzini, Paris, Hautes Études EHESS, Gallimard Seuil. 2023

JARRATT S. C. "Untimely Historiography? Foucault's "Greco-Latin Trip"". In *Rhetoric Society Quarterly*, Vol. 44, No. 3, pp. 220–233

KOCH, I. "Le propylée et la statue. Présence et absence du néoplatonisme dans la lecture foucaldienne de la philosophie antique". (p. 291-319). Philosophie antique - problèmes, renaissances usages, 2014, p. 291-319.

RANCIÈRE, J. Os nomes da história: Ensaio de poética do saber. Campinas, Pontes Editores, 1994